

COLÔMBIA O assassinato de um comandante das Farc mudou a vida dos moradores do povoado de Barragán, perto de Tuluá

Lembranças de uma convivência pacífica



No bar de Jaime Herrera bebiam lado a lado guerrilheiros das Farc e homens da polícia nacional da Colômbia. Jaime se orgulhava por sediar essa convivência pacífica. Seu bar era o principal ponto de encontro de Barragán, um lugarejo empoleirado em uma das montanhas dos Andes, ao pé da qual fica a cidade de Tuluá, sede do município.

Tudo o que Jaime queria era vender muito rum e cerveja Poker para poder dedicar-se à fotografia, seu passatempo preferido.

Mas o assassinato de um comandante das Farc em Cali, em 1999, iria mudar a vida de Jaime e dos demais moradores do povoado. Os guerrilheiros passaram a atuar com maior rigor na região, e logo a imparcialidade de Jaime passou a ser vista com desconfiança. Os policiais e os paramilitares acreditavam que ele era colaborador da guerrilha, e os guerrilheiros suspeitavam de que ele era informante da polícia. Jaime começou a receber ameaças.

Um dia, Jaime mandou que dois de seus cinco filhos fossem a Tuluá. O menino, de 15 anos, e a menina, de 17, saíram de manhã cedo na caminhonete da família, serra abaixo, pelo caminho poeirento e pedregoso que tem, de um lado, a parede vertical da montanha, do outro, o abismo. Quando estavam perto do lugarejo de Puerto Brazadas, os irmãos viram que um grupo armado e uniformizado fazia sinal para que estacionassem. Não sabiam de que grupo se tratava (os paramilitares usam um fardamento igual ao das Farc, mudando apenas a braçadeira). Eram as Farc. Irmão e irmã foram seqüestrados.

Horas depois, Luz, a mãe deles, descobriu o ocorrido. Jaime não estava em casa, mas ela não esperou a sua volta. Tomou nos braços a filhinha de 2 anos e despencou para Puerto Brazadas. Procurou os guerrilheiros. Encontrou-os. Com determinação de mãe, exigiu que a levassem ao acampamento onde estavam seus filhos. Conseguiu. Depois de duas horas de caminhada na selva, Luz chegou ao acampamento.

Guerrilheiros proibiram mãe de ver os filhos

Mas foi só. Os guerrilheiros a detiveram, junto com o nenê, e não deixaram que visse os filhos. Luz acabou seqüestrada. Os guerrilheiros a colocaram como cozinheira do acampamento. Durante seis horas, ela fez arroz, perico (um tipo de omelete), carne assada e feijão. No final do dia, como prêmio, os homens a conduziram até uma cela feita de tábuas, atrás das quais estavam seus dois filhos mais velhos. Luz chorou, gritou que os amava, mas não pode falar com eles.

Em seguida, seus captores a transferiram para um outro acampamento, o que só fez aumentar sua aflição. Fora separada dos filhos. Luz passou a noite chorando e rezando, abraçada à espantada menininha, trancada em um quarto de madeira. No dia seguinte, às 4h da madrugada, os guerrilheiros finalmente trouxeram sua filha. As duas se abraçaram chorando, mas a notícia que os seqüestradores lhe deram não era boa: os dois irmãos tinham sido considerados aptos para a guerrilha. Isso significava recrutamento obrigatório.

Luz se desesperou. Tanto chorou e argumentou e implorou, e o fez com tal sentimento e angústia, que os guerrilheiros se compadeceram. Às 7h do dia seguinte, buscaram seu filho. Os quatro ainda permaneceram mais dois dias em poder das Farc. Antes de serem libertados, a mãe e os três filhos passaram por uma inquietante sessão de fotos. Ao se despedirem, os guerrilheiros advertiram: que não pensassem em voltar a Barragán. Luz cumpriu a ordem. Desceu a Tuluá, de onde, por telefone, avisou ao angustiado marido Jaime que largasse tudo e viesse para a cidade. Foi o que Jaime fez. Sua casa, seu bar, tudo foi abandonado. Hoje, ele vive em Tuluá como fotógrafo. O que era passatempo, virou profissão.



Paz jogada fora: bar passou a ser visto com desconfiança pelas Farc, que demarcou seu território, a começar pela inscrição no poste

Primeiros passos no cativo

A profissão dos paramilitares se resume a matar, torturar e seqüestrar. Um paramilitar não tem piedade. A não ser quando confrontado com a beleza infantil da pequena Jéssica Natália Tangarife.

Em 31 de agosto do ano passado, Jéssica Natália, então com um aninho de idade, e sua mãe Claribel, grávida de três meses, foram seqüestradas pelos paramilitares. Claribel era professora na escola de Santa Lucia. Os paramilitares suspeitavam de que o marido dela, o plantador de batatas Rosenberg, pertencia às Farc.

Naquela manhã de agosto, o ônibus que conduzia Claribel foi parado por um grupo das AUC no povoado de La Muralha. Os "paras" a encarceraram em uma casa de material "com um banheiro muito sujo e sem as menores condições de higiene". Lá, ela ficou por quatro dias, alimentando-se sempre de omelete, arroz e café preto.

Durante esse tempo, Claribel e a filha foram vigiadas por um paramilitar que se encantou com a menina. Passava os dias brincando com a pequena Jéssica Natália, até que, uma tarde, ela deu seus primeiros passos em direção aos braços abertos do seu captor.

O paramilitar ficou exultante. Claribel foi libertada. Hoje, ela está desempregada, mas não cogita retornar à Santa Lucia. Prefere continuar sem trabalho e passar os dias olhando para a beleza enternecedora da sua Jéssica Natália.



Ex-professora: Claribel foi libertada

Sucessão de desgraças

Na manhã de 15 de outubro de 2000, a guerrilha chegou à casa de Viviana Valência. Naquela época, ela e seu marido, Jaime Arbeiro Valência, plantavam bananas e criavam porcos no lugarejo de Putumayo, em Puerto Asis. Ambos com 29 anos de idade, Viviana e Jaime reuniam todos os pré-requisitos para se tornarem vítimas da guerra da colombiana: são índios, eram pequenos agricultores, são pobres.

Viviana crê que Jaime passou a ser olhado com desconfiança pelos guerrilheiros por ter prestado serviço militar.

– Achavam que ele colaborava com os paramilitares – supõe.

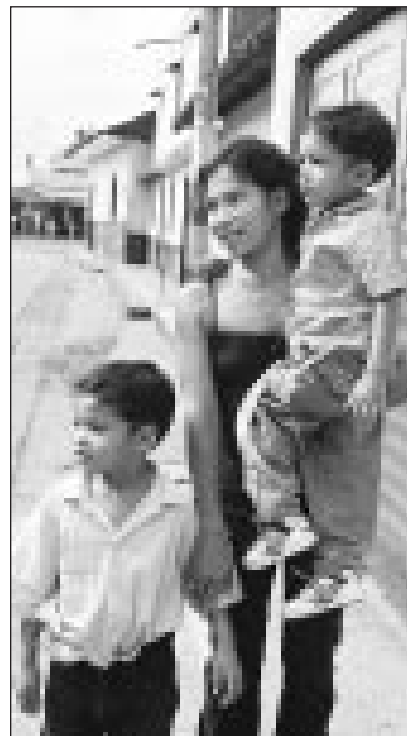
Naquela manhã, às 11h, Jaime e seu irmão José Luís trabalhavam no terreno em frente à casa quando quatro homens das Farc apareceram. Queriam levar Jaime com eles. O irmão reagiu.

– Se vocês querem levar alguém, que me levem! – gritou.

O argumento não convenceu os guerrilheiros. Eles amarraram

os dois irmãos, arrastaram José Luís para baixo da casa e o executaram com cinco tiros. Levaram Jaime com eles. Foi a última vez que Viviana o viu. No mesmo instante, traumatizada, ela arrebatou os quatro filhos, tomou um ônibus e desembarcou em Tuluá.

A desestruturação da família fez um dos filhos sumir. Outro, está com paralisia cerebral. A sucessão de desgraças não desanima Viviana. Depois de algumas semanas em que enfrentou a desconfiança dos moradores de Tuluá, ela arranhou emprego como doméstica. Sobrevive. E sonha.



Sobrevivência: Viviana e os filhos